

DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR

CIC 557-560: a entrada de Jesus em Jerusalém

- 557** «Ora, como se aproximavam os dias de Jesus ser levado deste mundo, Ele tomou a firme resolução de Se dirigir a Jerusalém» (Lc 9, 51)¹. Por esta decisão, indicava que subia para Jerusalém pronto para lá morrer. Já por três vezes tinha anunciado a sua paixão e a sua ressurreição². E ao dirigir-Se para Jerusalém, declara: «não se admite que um profeta morra fora de Jerusalém» (Lc 13, 33).
- 558** Jesus recorda o martírio dos profetas que tinham sido entregues à morte em Jerusalém³. No entanto, continua a convidar Jerusalém a reunir-se à sua volta: «Quantas vezes Eu quis agrupar os teus filhos como a galinha junta os seus pintainhos sob as asas!... Mas vós não quisestes» (Mt 23, 37b). Quando já avista Jerusalém, chora sobre ela⁴ e exprime, uma vez mais, o desejo do seu coração: «Se neste dia também tu tivesses conhecido o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está oculto aos teus olhos» (Lc 19, 41-42).
- 559** Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei⁵, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (Lc 1, 32)⁶. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (Sl 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (Zc 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade⁷. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças⁸ e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores⁹. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.
- 560** A entrada de Jesus em Jerusalém manifesta a vinda do Reino que o Rei-Messias vai realizar pela Páscoa da sua morte e da sua ressurreição. É com a sua celebração, no Domingo de Ramos, que a Liturgia da Igreja começa a Semana Santa.

¹ Cf. Jo 13, 1.

² Cf. Mc 8, 31-33; 9, 31-32; 10, 32-34.

³ Cf. Mt 23, 37a.

⁴ Cf. Lc 19, 41.

⁵ Cf. Jo 6, 15.

⁶ Cf. Mt 21, 1-11.

⁷ Cf. Jo 18, 37.

⁸ Cf. Mt 21, 15-16; Sl 8, 3.

⁹ Cf. Lc 19, 38; 2, 14.

CIC 602-618: a Paixão de Cristo

- 602** Consequentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha, predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» (1 Pe 1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte¹⁰. Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo¹¹, que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado¹², «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» (2 Cor 5, 21).
- 603** Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente¹³. Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai¹⁴, assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (Mc 15, 34)¹⁵. Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (Rm 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (Rm 5, 10).
- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10)¹⁶. «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar¹⁷. No seguimento dos Apóstolos¹⁸, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»¹⁹.
- 606** O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou»²⁰, «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós

¹⁰ Cf. Rm 5, 12; 1 Cor 15, 56.

¹¹ Cf. Fl 2, 7.

¹² Cf. Rm 8, 3.

¹³ Cf. Jo 8, 46.

¹⁴ Cf. Jo 8, 29.

¹⁵ Cf. Sl 22, 1.

¹⁶ Cf. 1 Jo 4, 19.

¹⁷ Cf. Rm 5, 18-19.

¹⁸ Cf. 2 Cor 5, 15; 1 Jo 2, 2.

¹⁹ CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de predestinatione*, canon 4: DS 624.

²⁰ Cf. Jo 6, 38.

fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb* 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (*Jo* 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (*1 Jo* 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (*Jo* 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (*Jo* 14, 31).

- 607** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus²¹. A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (*Jo* 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (*Jo* 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (*Jo* 19, 30), diz: «Tenho sede» (*Jo* 19, 28).
- 608** Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores²², João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»²³. Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca²⁴, carregando os pecados das multidões²⁵, e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa²⁶. Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão»²⁷.
- 609** Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (*Jo* 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (*Jo* 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens²⁸. Com efeito, Ele aceitou livremente a sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (*Jo* 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte²⁹.
- 610** Jesus exprimiu de modo supremo a oblação livre de Si mesmo na refeição que tomou com os doze Apóstolos³⁰, na «noite em que foi entregue» (*1 Cor* 11, 23). Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai³¹ para a salvação dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós» (*Lc* 22, 19). «Isto é o meu “Sangue da Aliança”, que vai ser derramado por uma multidão, para remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).

²¹ Cf. *Lc* 12, 50; 22, 15; *Mt* 16, 21-23.

²² Cf. *Lc* 3, 21; *Mt* 3, 14-15.

²³ Cf. *Jo* 1, 29-36.

²⁴ Cf. *Is* 53, 7; *Jr* 11, 19.

²⁵ Cf. *Is* 53, 12.

²⁶ Cf. *Ex* 12, 3-14; *Jo* 19, 36; *1 Cor* 5, 7.

²⁷ Cf. *Mt* 10, 45.

²⁸ Cf. *Heb* 2, 10.17-18; 4, 15; 5, 7-9.

²⁹ Cf. *Jo* 18, 4-6; *Mt* 26, 53.

³⁰ Cf. *Mt* 26, 20.

³¹ Cf. *1 Cor* 5, 7.

- 611** A Eucaristia, que neste momento instituiu, será o «memorial»³² do seu sacrifício. Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem³³. Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: «Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade» (Jo 17, 19)³⁴.
- 612** O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo³⁵, é aceite seguidamente por Jesus, das mãos do Pai, na agonia no Getsémani³⁶, fazendo-Se «obediente até à morte» (Fl 2, 8)³⁷. Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» (Mt 26, 39). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado³⁸ que causa a morte³⁹. E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida»⁴⁰, do «Vivente»⁴¹. Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do Pai⁴², aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» (1 Pe 2, 24).
- 613** A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens⁴³ por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo»⁴⁴, e o *sacrifício da Nova Aliança*⁴⁵ que restabelece a comunhão entre o homem e Deus⁴⁶, reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados»⁴⁷.
- 614** Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios⁴⁸. Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega o seu Filho para nos reconciliar consigo⁴⁹. Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor⁵⁰ oferece a sua vida⁵¹ ao Pai pelo Espírito Santo⁵² para reparar a nossa desobediência.
- 615** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (Rm 5, 19).

³² Cf. 1 Cor 11, 25.

³³ Cf. Lc 22, 19.

³⁴ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de sanctissimo Missae Sacrificio*, canon 2: DS 1752; Sess. 23ª, *Doctrina de sacramento Ordinis*, c. 1: DS 1764.

³⁵ Cf. Lc 22, 20.

³⁶ Cf. Mt 26, 42.

³⁷ Cf. Heb 5, 7-8.

³⁸ Cf. Heb 4, 15.

³⁹ Cf. Rm 5, 12.

⁴⁰ Cf. Act 3, 15.

⁴¹ Cf. Ap 1, 18; Jo 1, 4; 5, 26.

⁴² Cf. Mt 26, 42.

⁴³ Cf. 1 Cor 5, 7; Jo 8, 34-36.

⁴⁴ Cf. Jo 1, 29; 1 Pe 1, 19.

⁴⁵ Cf. 1 Cor 11, 25.

⁴⁶ Cf. Ex 24, 8.

⁴⁷ Cf. Mt 26, 28; Lv 16, 15-16.

⁴⁸ Cf. Heb 10, 10.

⁴⁹ Cf. 1 Jo 4, 10.

⁵⁰ Cf. Jo 15, 13.

⁵¹ Cf. Jo 10, 17-18.

⁵² Cf. Heb 9, 14.

Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»⁵³. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados⁵⁴.

616 É o «amor até ao fim»⁵⁵ que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos todos no oferecimento da sua vida⁵⁶. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2 Cor 5, 14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor *por todos*.

617 «*Sua sanctissima passione in ligno crucis nobis justificationem meruit* – Pela sua santíssima paixão no madeiro da cruz, Ele mereceu-nos a justificação» – ensina o Concílio de Trento⁵⁷, sublinhando o carácter único do sacrifício de Cristo como «princípio de salvação eterna»⁵⁸. E a Igreja venera a Cruz cantando: «*O cruz, ave, spes unica!* – Avé, ó cruz, esperança única!»⁵⁹.

618 A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»⁶⁰. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»⁶¹, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»⁶². Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»⁶³ porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»⁶⁴. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários⁶⁵. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor⁶⁶:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»⁶⁷.

⁵³ Cf. Is 53, 10-12.

⁵⁴ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

⁵⁵ Cf. Jo 13, 1.

⁵⁶ Cf. Gl 2, 20; Ef 5, 2.25.

⁵⁷ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 1: DS 1529.

⁵⁸ Cf. Heb 5, 9.

⁵⁹ Aditamento litúrgico ao Hino «Vexilla Regis»: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1974) p. 313; v. 4, p. 1129 [a versão litúrgica em português difere um pouco: «Cruz do Senhor, és única esperança!»: *Liturgia das Horas*, v. 2 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 366; v. 4, p. 1267].

⁶⁰ Cf. 1 Tm 2, 5.

⁶¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

⁶² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

⁶³ Cf. Mt 16, 24.

⁶⁴ Cf. 1 Pe 2, 21.

⁶⁵ Cf. Mc 10, 39; Jo 21, 18-19; Cl 1, 24.

⁶⁶ Cf. Lc 2, 35.

⁶⁷ SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

CIC 2816: o Senhorio de Cristo obtido através da sua morte e ressurreição

2816 No Novo Testamento, a mesma palavra «*basileia*» pode traduzir-se por realza (nome abstracto), reino (nome concreto) ou reinado (nome de acção). O Reino de Deus está diante de nós. Aproximou-se no Verbo encarnado, foi anunciado através de todo o Evangelho, veio na morte e ressurreição de Cristo. O Reino de Deus vem desde a santa ceia e, na Eucaristia, está no meio de nós. O Reino virá na glória, quando Cristo o entregar a seu Pai:

«É mesmo possível [...] que o Reino de Deus signifique o próprio Cristo, a Quem todos os dias desejamos que venha e cuja Vinda queremos que aconteça depressa. Do mesmo modo que Ele é a nossa ressurreição, pois n'Ele ressuscitamos, assim também pode ser Ele próprio o Reino de Deus, porque n'Ele reinaremos»⁶⁸.

CIC 654, 1067-1068, 1085, 1362: o mistério pascal e a Liturgia

654 Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus⁶⁹, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (*Rm* 6, 4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça⁷⁰; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (*Mt* 28, 10)⁷¹. Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adoptiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.

1067 «Esta obra da redenção humana e da glorificação perfeita de Deus, cujo prelúdio foram as magníficas obras divinas operadas no povo do Antigo Testamento, realizou-a Cristo, Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que, “morrendo, destruiu a nossa morte e ressuscitando restaurou a vida”. Efectivamente, foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu “o sacramento admirável de toda a Igreja”»⁷². É por isso que, na liturgia, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal, pelo qual Cristo realizou a obra da nossa salvação.

1068 É este mistério de Cristo que a Igreja proclama e celebra na sua liturgia, para que os fiéis dele vivam e dele dêem testemunho no mundo.

«A liturgia, com efeito, pela qual, sobretudo no sacrifício eucarístico, “se actua a obra da nossa redenção”, contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja»⁷³.

⁶⁸ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 13: CCL 3A, 97 (PL 4, 545).

⁶⁹ Cf. *Rm* 4, 25.

⁷⁰ Cf. *Ef* 2, 4-5; *1 Pe* 1, 3.

⁷¹ Cf. *Jo* 20, 17.

⁷² II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 5: AAS 56 (1964) 99.

⁷³ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 2: AAS 56 (1964) 97-98.

- 1085** Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu mistério pascal. Durante a sua vida terrena, Jesus anunciava pelo seu ensino e antecipava pelos seus actos o seu mistério pascal. Uma vez chegada a sua «Hora»⁷⁴, Jesus vive o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-Se à direita do Pai «uma vez por todas» (*Rm* 6, 10; *Heb* 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, absorvidos no passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que, pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece* e atrai tudo para a vida.
- 1362** A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a actualização e a oferenda sacramental do seu único sacrifício, na liturgia da Igreja que é o seu corpo. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada *anamnese* ou memorial.

⁷⁴ Cf. *Jo* 13, 1; 17, 1.